

A alternância entre os pretéritos perfeito, mais-que-perfeito simples e mais-que-perfeito composto no português escrito: análise dos fatores morfossintáticos condicionantes¹

Lucila GIBO²

1. Introdução

Na língua portuguesa, as formas verbais pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito mais-que-perfeito composto podem ser usadas com o mesmo valor aspecto-temporal, como na frase “Preparou o almoço com os ingredientes que comprou / comprara / tinha comprado / havia comprado na feira.”, onde as partes grifadas expressam uma ação concluída (“comprar os ingredientes”) antes de uma outra ação também já concluída (“preparar o almoço”) quando do momento da fala.

Como já constatado por Gonçalves (1993), Coan (1997; 2012) e Martins (2013), fatores morfossintáticos podem condicionar o uso de uma ou de outra forma. Esses trabalhos tiveram como corpora a linguagem oral e a linguagem escrita constituída principalmente de narrativas de cunho histórico e de textos jornalísticos. No presente artigo, baseados nas teorias propostas pelos autores, propomo-nos a analisar o emprego das quatro formas em questão no português escrito, mais especificamente no texto literário. Para isso, adotamos como corpus o livro *Os Treze Problemas*,³ no qual se observam grande ocorrência de pretéritos e usos que, à primeira vista, sinalizam a possível existência de fatores condicionantes ainda não descritos nas investigações anteriores. Dessa maneira, ao mesmo tempo que verificamos até que ponto as regras da língua oral e de textos jornalísticos se aplicam ao texto literário, objetivamos aclarar os fatores determinantes no momento de escolha entre formas verbais concorrentes e, principalmente, saber qual é a forma predominante no corpus analisado.

2. Metodologia

Para analisar e descrever o uso dos pretéritos perfeito, mais-que-perfeito simples e das duas formas do mais-que-perfeito composto no corpus escolhido, primeiramente, realizaremos a contagem da frequência de cada uma das formas em um total de 13 capítulos, a fim de verificar se há predominância de alguma delas. Feito isso, analisaremos o comportamento dessas formas no nível frasal, dando importância às condições morfossintáticas em que aparecem. A análise será apresentada através dos

seguintes tópicos: sujeito na 3ª. pessoa do plural, presença de TER e HAVER como verbo principal, advérbios de tempo, perífrases verbais e paralelismo formal.⁴

Ao mesmo tempo que aproveitamos as teorias propostas pelos três autores citados acima, procuraremos, através da análise de frases, detectar outros possíveis fatores morfossintáticos que condicionam os usos dos pretéritos em questão na expressão de anterioridade a um ponto de referência passado. Primeiramente, faremos uma descrição geral do uso das quatro formas e, na sequência, analisaremos o resultado da contagem de sua frequência no corpus para, posteriormente, analisar as condições em que ocorrem.

3. Descrição das quatro formas

As gramáticas tradicionais associam a expressão de anterioridade a um ponto de referência passado ao pretérito mais-que-perfeito. Cunha&Cintra (2005:453,455) explicam que *o mais-que-perfeito indica uma ação que ocorreu antes de outra já passada enquanto o perfeito indica uma ação que se produziu em certo momento do passado*. No entanto, o perfeito também é usado com o valor de mais-que-perfeito principalmente na língua oral, de acordo com as análises de Coan (1997), que o chamou nesse caso de “pretérito perfeito anterior”, e Tenuta et al (2010), que usaram a expressão “perfeito com valor não canônico contrassequencial” para explicar esse uso.⁵ Neste artigo o chamaremos de perfeito contrassequencial (doravante PCs).

Quanto ao mais-que-perfeito, tanto a forma simples quanto as formas compostas são usadas no português contemporâneo, mas de acordo com Gonçalves (1993:141), a forma simples do mais-que-perfeito (doravante MQPS) *se encontra em vias de extinção no português falado no Brasil e na escrita tende a ocorrer em textos com menor grau de oralidade e maior durabilidade*.⁶ As formas compostas, conjugadas com os auxiliares TER e HAVER, o autor chamou respectivamente de “1º. Composto” e “2º. Composto”, mas nem ele nem os outros autores fizeram distinção ao analisá-las. Neste trabalho, examinaremos separadamente a forma do mais-que-perfeito composto com TER (doravante MQPC1) e a forma do mais-que-perfeito composto com HAVER (doravante MQPC2), já que aspectos morfológicos são relevantes para a nossa análise. Vejamos abaixo alguns exemplos retirados do corpus:

- (1) Ela viu que seu jogo tinha chegado [MQPC1] ao fim no que me dizia respeito e teve a atitude mais corajosa: confiou sua história a mim.

- (2) Havia sofrido [MQPC2] uma forte pancada na cabeça, que teria ocorrido antes do afogamento, e a teoria era de que ela teria mergulhado no mar e batido a cabeça numa pedra.
- (3) Jones não foi preso porque, ao interrogarmos a srta. Clark, ela nos disse que fora [MQPS] ela quem terminara [MQPS] a tigela de mingau de maisena e não a sra. Jones.
- (4) Conseguimos a ordem e fizeram a autópsia, ou como quer que chamem isso, mas o resultado não foi tão satisfatório como imaginei [PCs] que poderia ser.

Nos exemplos acima, o momento do evento é anterior ao momento de referência (sublinhado curvo), que, por sua vez, está situado antes do momento da fala. Desta forma, MQPC1, MQPC2, MQPS e PCs expressam igualmente o valor temporal $ME < MR < MF$, podendo ser substituídas umas pelas outras sem alteração de sentido. Tratam-se, portanto, de formas concorrentes.

4. Resultado da contagem da frequência dos pretéritos em Os Treze Problemas

Nesta seção, veremos o resultado da contagem. As formas MQPS, MQPC1 e MQPC2 foram identificadas no corpus basicamente pela sua forma e o PCs foi identificado considerando-se a forma e o contexto, ou seja, contamos apenas os casos em que apresentou valor não-canônico contrassequencial. Abaixo, as ocorrências das formas nos 13 capítulos (os quais apresentam histórias independentes entre si, nas quais são narrados crimes e mistérios a serem desvendados).

Quadro 1.

Comparação entre MQPS e MQPC		
Capítulo	MQPS	MQPC
1º.	29	25
2º.	17	16
3º.	19	27
4º.	17	17
5º.	30	37
6º.	18	27
7º.	22	21
8º.	34	39
9º.	21	14
10º.	33	19
11º.	7	14
12º.	20	28
13º.	5	14

Quadro 2.

Comparação entre MQPC1(TER) e MQPC2 (HAVER)		
Capítulo	MQPC1	MQPC2
1º.	1	24
2º.	3	13
3º.	1	26
4º.	2	15
5º.	1	36
6º.	1	26
7º.	4	17
8º.	4	35
9º.	1	13
10º.	1	18
11º.	0	14
12º.	3	25
13º.	2	12

Quadro 3.

Comparação entre MQP e PCs		
Capítulo	MQP	PCs
1º.	54	8
2º.	33	3
3º.	46	5
4º.	34	2
5º.	67	3
6º.	45	3
7º.	43	4
8º.	73	10
9º.	35	3
10º.	52	4
11º.	21	5
12º.	48	4
13º.	19	3

O quadro 1 compara as ocorrências do MQPS com a soma total dos dois tipos de MQPC. Pode-se dizer que existe uma leve predominância da forma composta em relação à forma simples, já que foi mais usada em 7 dos 13 capítulos do livro, enquanto a forma simples teve maior incidência em 5 capítulos, sendo que, em 2, a diferença foi de apenas 1 ocorrência. Em 1 capítulo as formas apresentaram a mesma quantidade de ocorrências. Sendo assim, ao mesmo tempo que o MQPC parece ser o mais usado, há também um certo equilíbrio entre as variantes, o que não acontece em textos jornalísticos, em que, segundo Martins (2013:409), a forma simples, *em desuso na modalidade falada, perde, significativamente, espaço para a variante pretérito mais-que-perfeito composto* (grifo nosso).

No quadro 2, comparamos as duas formas do composto. O resultado nos mostra que existe predominância do MQPC2 em relação ao MQPC1. No português contemporâneo, a forma com o auxiliar HAVER é considerada mais formal, portanto, mais usada na língua escrita. Apesar de as narrativas se desenvolverem por meio de diálogos, o corpus se trata de uma modalidade escrita e, por esse motivo, deu-se preferência ao uso do MQPC2. O fato reforça a ideia de que o MQPC2 possui maior grau de formalidade do que o MQPC1.

Já no quadro 3, ao compararmos a soma total dos três tipos de MQP com o PCs, evidenciou-se que a última é bem menos frequente. Isso se deve ao fato de que este não se trata do uso canônico do pretérito perfeito e, como veremos posteriormente, o uso desta forma pode causar ambiguidades caso o valor contrassequencial não fique claro pelo contexto ou pela indicação de advérbios ou outros elementos da frase, mais ainda por se tratar de um texto escrito.

5. Sujeito na 3ª. pessoa do plural

Segundo Martins (2013:402), em textos jornalísticos o MQPS é desfavorecido na 3ª. pessoa do plural, em decorrência da convergência com a desinência do pretérito perfeito simples e a autora explica que o MQPC permite *desfazer a ambiguidade entre as duas referências temporais*. Isto é, por exemplo, se “andaram” pode ser interpretado tanto como uma ação ocorrida no passado (perfeito simples) como uma ação ocorrida antes de uma outra também passada (mais-que-perfeito), para facilitar o entendimento, usa-se o MQPC quando o intuito é expressar o segundo sentido. No corpus analisado, este uso foi verificado em 100% dos casos. Vejamos alguns exemplos:

- (5) Os pés e as mãos haviam sido amarrados com corda, e um lenço havia sido introduzido na boca para evitar que gritasse.

- (6) As duas mulheres a quem se referia eram turistas que havam acabado de chegar; um barco Holland Lloyd havia aportado naquela noite, e os passageiros estavam começando a desembarcar.

Na frase (5), entende-se que as ações “os pés e mãos serem amarrados” e “o lenço ser introduzido na boca” aconteceram nessa exata sequência. Caso no primeiro trecho fosse usada a forma do MQPS, ou seja, “foram amarrados”, a ordem dos fatos tomaria posição inversa na linha do tempo e isso levaria a entender que “o lenço havia sido introduzido” antes de “os pés e mãos serem amarrados”. Na frase (6), ao se dizer “acabaram de chegar”, o fato passa a ser posicionado diretamente antes do momento da fala, que coincide com o momento referencial (ME<MF=MR).

Ao analisarmos as frases em que se usou o pretérito perfeito com a 3ª. pessoa do plural, confirmamos que em nenhuma delas esta forma apresentou valor contrassequencial. Nas frases (7) e (8), os verbos grifados expressam fatos ocorridos antes do momento da fala sem haver necessariamente um ponto de referência no passado.

- (7) A empregada achara que havia algo de estranho no rapaz e recusou a entrada dele, porém mais tarde o viram escapando por uma janela.
- (8) Três histórias foram contadas esta noite - e contadas pelos três homens! Protesto porque as mulheres não fizeram a parte delas.

Acreditamos que o MQPC foi escolhido e usado em todo o corpus para facilitar o entendimento por parte do leitor; já que, tratando-se de uma história em que inúmeros acontecimentos são narrados com o intuito de que mistérios sejam desvendados, faz-se necessário colocar os fatos de maneira clara e sem ambiguidades.

6. Presença de TER e HAVER como verbo principal

Como mencionado anteriormente, na maioria das vezes, o MQPC apareceu na sua forma com o auxiliar HAVER. Ao analisarmos os fatores que poderiam condicionar o uso da forma com o auxiliar TER, percebemos que, muitas vezes, quando um destes verbos aparece como verbo principal na mesma oração ou em uma oração próxima, a tendência é que não se repita o uso do mesmo na posição de auxiliar. Por exemplo, nas frases (9) e (10) o verbo TER aparece na mesma oração como verbo principal, sendo assim, parece-nos que o MQPC2, no qual HAVER aparece na posição de auxiliar, foi usado para evitar a

repetição.

(9) Havia colocado tudo que tinha nesse único tiro.

(10) Naquele mesmo dia Gladys Sanders havia me dito que tinha uma digestão maravilhosa e era muito agradecida por isso.

No exemplo (11), Haver apareceu como verbo principal na primeira e terceira orações, sendo o MQPC1, forma com TER, usado na segunda oração. O uso do MQPC2, levaria a repetição da mesma palavra, podendo dificultar a leitura.

(11) Entendam, já naquele momento havia uma coisa estranha. É claro que indaguei os pescadores sobre o que tinham visto. Havia testemunhas oculares.

7. Advérbios de tempo

Nesta parte, veremos de que forma os advérbios de tempo JÁ, NUNCA e JAMAIS podem influenciar na escolha da forma verbal. Coan (1997:128), a respeito do uso dos dois primeiros na expressão de anterioridade a um ponto de referência passado, afirma que *o pretérito mais-que-perfeito ocorre quando associado aos advérbios já e nunca, o pretérito perfeito quando associado a outros advérbios temporais*. Essa tendência, de fato, foi verificada no corpus. Abaixo, analisamos a influência dos dois advérbios já tratados pela autora mais o advérbio JAMAIS, nessa ordem:

7.1 JÁ

Quando a intenção é expressar a anterioridade a um ponto passado, o advérbio JÁ desfavorece o uso do pretérito perfeito porque associados, necessariamente, expressam o aspecto perfeito simples. Verificamos que em todos os casos em que se usou essa combinação, o valor expresso foi de, simplesmente, um fato ocorrido em um ponto anterior ao momento da fala; assim como nas frases (12) e (13):

(12) Mas esse tipo de coisa já foi, acabou, faz parte do passado.

(13) Isso faz uns dez ou quinze anos agora. Felizmente, está tudo resolvido e acabado, e todos já esqueceram do assunto.

Portanto, para se expressar um fato ocorrido antes de um ponto de referência situado no passado usaram-se as formas do mais-que-perfeito, como nos exemplos (14) a (16). O MQPS foi usado uma única vez em todo o corpus. A preferência foi pelas formas MQPC1 e MQPC2, sendo a última mais ocorrente.

- (14) Durante todo o mês anterior já estivera de cama quase que de forma contínua e, agora, aumentava a possibilidade de tornar-se um inválido acamado, até o momento em que sua morte o libertaria.
- (15) Ele a aceitou naturalmente como sendo eu, o que parece estranho porque, afinal, já tinha me visto atuar e as minhas fotografias são muito conhecidas, não são?
- (16) Soa muito como se estivessem dando um nome sujo ao cachorro, condenando o homem pelo seu passado. Kelvin já havia cumprido pena na prisão.

7.2 NUNCA

O advérbio NUNCA também desfavorece o uso do pretérito simples porque, quando associados, indicam uma situação que se estende até o momento da fala, ou seja, o ponto de referência deixa de estar em um momento passado para estar no presente, até o qual o fato não se concretizou. Este é o caso dos exemplos (17) e (18).

- (17) Nunca vendi a pintura, mas também nunca olho para ela.
- (18) Imagino que haja uma série de assassinatos e casos que nunca foram solucionados pela polícia- disse Joyce Lemprière.

Para expressar um fato que não havia sido concretizado **antes do momento de referência**, mas que de fato ocorreu, usaram-se as formas MQPS, MQPC1 e MQPC2, como nos exemplos abaixo (19) a (21):

- (19) Eu nunca vira um homem tão envolvido com uma criança e não tenho como descrever a vocês o sofrimento dele quando, aos onze anos de idade, a menina contraiu pneumonia e morreu.
- (20) Eu nunca tinha pensado na pobre sra. Pebmarsh.
- (21) Seu rosto estava definitivamente mais oriental, os olhos pareciam fendas, com algo de cruel em seu brilho, e tinha um estranho sorriso nos lábios, o qual eu nunca havia visto antes.

7.3 JAMAIS

Igualmente, o advérbio JAMAIS desfavorece o uso do pretérito simples porque, quando associados,

indicam uma situação que se estende até o momento da fala, ou seja, o fato jamais aconteceu, como nos exemplos (22) e (23).

(22) Jamais me arrependi da minha participação no caso levando aquele homem à justiça.

(23) Quem afinal chamou a polícia se não foi a srta. Kerr? - Isso ninguém jamais soube ou descobriu.

De forma semelhante ao NUNCA, para expressar um fato que não havia sido concretizado **antes do momento de referência**, mas que de fato ocorreu, usaram-se as formas MQPS, MQPC1 e MQPC2, como nos exemplos abaixo (24) a (26):

(24) A esposa jamais sentira a menor desconfiança, até ele morrer, deixando todo seu dinheiro para uma mulher com quem ele andava morando e com quem tinha cinco filhos.

(25) George foi esperto o bastante para não comentar que jamais a tinha ouvido dizer algo assim antes.

(26) Ela jamais havia estado em uma delegacia antes, mas foram muito gentis com ela; muito gentis de fato.

8. Perífrases verbais

Através do corpus, percebemos que o tipo da perífrase verbal pode influenciar na escolha da forma verbal a ser usada. Verificamos que nas perífrases formadas por gerúndio o MQPS foi mais usado, enquanto que nas perífrases com participípio, o MQPS, o MQPC1 e o MQPC2 foram usados sem grande diferença. Abaixo, analisaremos as formas com gerúndio para entender o porquê de as formas compostas serem desfavorecidas. Vejamos:

(27) Explicou que estivera ensaiando com sua substituta no hotel e que jamais havia sequer ouvido falar nesse sr. Faulkener.

Perífrase ESTAR+gerúndio/ MQPC1: tinha estado ensaiando; MQPC2:havia estado ensaiando

(28) Sua mania fora se fortalecendo, e ela acreditava ser sua missão livrar o mundo de certas pessoas; possivelmente o que denominamos de mulheres perdidas.

Perífrase IR+gerúndio/ MQPC1: tinha ido se fortalecendo; MQPC2: havia ido se fortalecendo

(29) É óbvio que quando ouvi que eles comeram pavê de creme no jantar e que o marido andara escrevendo a alguém sobre centenas de milhares naturalmente juntei as duas coisas.

Perífrase ANDAR+gerúndio/ MQPC1: tinha andado escrevendo; MQPC2:havia andado escrevendo

(30) Mesmo sem nenhuma suspeita concreta de que algo pudesse estar errado, Newman ficara se indagando.

Perífrase FICAR+gerúndio/ MQPC1: tinha ficado se indagando; MQPC2:havia ficado se indagando

De (27) a (30), abaixo de cada frase colocamos o tipo de perífrase e suas formas nos MQPC1 e MQPC2. Acreditamos que esses não foram usados nesses casos por tomarem formas muito salientes, ou seja, muito marcadas morfologicamente, o que exigiria um maior esforço por parte do leitor, podendo dificultar a leitura.

9. Paralelismo formal

Observamos que muitas vezes o uso do MQPC ocorreu em orações em que paralelamente foi usado um verbo no imperfeito. Coan (1997:149) comprovou que na língua oral *a utilização do pretérito mais-que-perfeito paralela a formas de imperfeito (no ponto de referência) se justifica pelo paralelismo formal (marcas levam a marcas)* (grifo nosso). Verificamos que o mesmo pode ser dito sobre a língua escrita:

(31) Movido por aqueles presságios, subi correndo até seu quarto. **Estava** vazio e, além disso, a cama não **havia sido** desfeita.

(32) A verdade chegou a mim através de uma carta escrita por Elliot Haydon. Ali, **dizia** imaginar que eu sempre **havia suspeitado** dele.

(33) Entretanto, como **havia dito** o jardineiro, **era** certamente uma manhã bonita.

Nas frases (31) a (33), o imperfeito (sublinhado curvo) marca o ponto de referência e o MQPC expressa um fato ocorrido antes desse momento. O paralelismo formal acontece entre o imperfeito do momento de referência com o auxiliar do MQPC, que se conjuga no mesmo tempo verbal. O MQPS e o PCs são menos favorecidos nesses casos por não existir paralelismo formal.

10. Conclusões e considerações finais

Através desta análise, pudemos testar e comprovar que fatores como o sujeito na 3ª. pessoa do plural, a influência de advérbios de tempo e o paralelismo formal, apontados como condicionantes na língua falada e em textos jornalísticos, são aplicáveis também ao texto literário. Além desses, identificamos fatores como a presença de TER e HAVER como verbo principal e a saliência morfológica nas perífrases verbais.

Quanto à frequência das quatro formas, houve predominância das formas do mais-que-perfeito composto em relação ao PCs, diferentemente da língua falada, em que essa última forma é bastante ocorrente.⁷ Entre as formas do mais-que-perfeito, verificou-se leve predominância da forma do MQPC

em relação ao MQPS, diferentemente da língua falada, na qual a forma simples praticamente está extinta e diferente também de textos jornalísticos, em que é bem menos usada do que a forma composta.⁸ Verificamos também que a forma do MQPC2 é bem mais frequente do que a forma MQPC1 e atribuímos isso ao maior grau de formalidade da primeira, mais adequada a textos escritos. No geral, percebemos que a alternância entre as formas acontece para evitar ambiguidades e facilitar a leitura, garantindo a correta interpretação do texto, o que é de grande importância no corpus, não só por se tratar de um texto literário, mas também por se tratar de uma narrativa que trata de mistérios a serem solucionados.

¹ Para realizar este trabalho recebemos o auxílio financeiro de JSPS KAKENHI Grant Number 15K02482.

² Professora do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade Sophia, Tóquio-Japão.

³ Livro de Agatha Christie, publicado em 1933. Para este trabalho utilizamos a versão brasileira traduzida por Petrucia Finkler, publicada em 2011. Trata-se, portanto, de uma amostra do português contemporâneo escrito.

⁴ Nas pesquisas anteriores, variáveis de domínio semântico como o tipo de verbo da situação (com maior ou menor dinamicidade) e variáveis de domínio estrutural (orações absolutas ou subordinadas), entre outras, foram apontadas como fatores que condicionam os usos das formas; porém, neste artigo nos limitamos a analisar apenas fatores relacionados à forma e à relação sintática entre os elementos da frase.

⁵ Tenuta et al (2010:111) explica: “No contexto narrativo discursivo, o Pretérito Perfeito do Indicativo, canonicamente, expressa sequencialidade, ou seja, eventos nesse tempo verbal, ordenados no discurso, refletem uma suposta sequência temporal. No entanto, encontra-se também, porém mais raramente, esse mesmo tempo verbal expressando, em alguns contextos narrativos, um valor contrassequencial. Por valor contrassequencial entendemos aquela situação em que um evento ocorrido anteriormente na linha do tempo é mencionado posteriormente no encadeamento do discurso.” (grifo nosso)

⁶ Entendem-se os livros por textos com maior durabilidade e maior distanciamento entre a fala e a escrita, enquanto os jornais e as revistas possuem menor durabilidade e linguagem mais próxima à língua falada.

⁷ Coan (1997:47, 174), fez menção ao “rendimento mínimo” do MQP na língua falada, na qual é substituído pelo PCs. Dizendo ainda que, os resultados de sua pesquisa *indicam uma queda acentuada do peso relativo associado ao pretérito mais-que-perfeito na fala dos mais jovens*.

⁸ Como mencionamos acima, a forma simples perde significativamente espaço para a forma composta mesmo em registros escritos. Martins (2013: 409) afirma ainda que a forma simples *tende a ser empregada em reportagens veiculadas em suportes de mídia impressa mais elitizada, direcionadas a um público-alvo que, pressupostamente, domina o cânone gramatical*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHRISTIE, A. *Os Treze Problemas*. (Tradução de Petrucia Finkler). Santa Maria: L&PMPocket, 2011.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. (dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 1997.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Usos dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais que-perfeito em contextos de variação: contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. In *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. v. 6. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. pp. 225-242.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: JSC, 2005.
- GONÇALVES, C. A. V. *Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito*. In *Alfa*. 37. São Paulo, 1993. pp. 135-142.
- MARTINS, K. C. A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos. In *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. v. 8. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. pp. 397-413.
- TENUTA, A. M; MOREIRA, L.; LEPESQUEUR, M. Uma análise cognitiva do valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do Indicativo. In *SCRIPTA*, v. 14. n. 26, Belo Horizonte, 2010. pp. 117-130.